



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)**

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)

INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)

BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)

JHENNEFEE BARROSO MOURA

**AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS DE PROFESSORES E SUA CONTRIBUIÇÃO
NA TRANSFORMAÇÃO DO OLHAR DOS ESTUDANTES SOBRE GÊNERO EM
PERSPECTIVA MAIS EQUITATIVA NA ESCOLA ANTONIO CORREIA DE
CASTRO EM ACARAPE-CE**

ACARAPE - CE

2020

JHENNEFEE BARROSO MOURA

AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS DE PROFESSORES E SUA CONTRIBUIÇÃO NA
TRANSFORMAÇÃO DO OLHAR DOS ESTUDANTES SOBRE GÊNERO EM
PERSPECTIVA MAIS EQUITATIVA NA ESCOLA ANTONIO CORREIA DE CASTRO
EM ACARAPE-CE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Rubem Maciel Franklin (Examinador Interno)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Profa. Dra. Janaina Campos Lobo (Examinadora Interna)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico o presente trabalho à minha família em principal minha mãe Vania Barroso e minha tia Vera Barroso por nortear minhas escolhas e me incentivarem em toda minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo a Deus por manter minha fé e guiar meus passos, a minha família e em ênfase minha mãe Vania Barroso, aos meus queridos amigos por permanecerem ao meu lado, em especial Imaculada Dias, Suenia Silva e Luana Germano e todos os meus colegas universitários por compartilharem comigo essa experiência acadêmica.

Agradeço também a todos os professores que me inspiraram a estudar este tema, e principalmente ao meu orientador Jon Cavalcante por toda dedicação, orientação e responsabilidade, você é um profissional admirável.

“Quem lhe deu a verdade absoluta? Não há nada absoluto. Tudo se transforma, tudo se move, tudo revoluciona, tudo voa e vai...”

Frida Kahlo

RESUMO

O presente material, pretende investigar como a temática, gênero se constrói nas práticas educacionais em sala de aula. Com o intuito de auxiliar na transformação do olhar dos/as estudantes sobre a temática em uma perspectiva mais equitativa. Sob um olhar analítico para a construção patriarcal que ainda sustenta a instituição escolar, e conseqüentemente, como isto implica na formação do indivíduo. Considerando que a escola é um pilar de grande importância e principalmente quando se trata de educação básica, onde os alunos estão em processo de desenvolvimento e tem bastante facilidade para aprender/entender o que lhe é dito. Sendo assim, tratar questões de gênero equivale a construir cidadãos conscientes e democráticos. A investigação se caracteriza de forma qualitativa, com estudo de campo exploratório, com questionamento aos professores sobre suas práticas educacionais em sala de aula, para compreender melhor a problemática foi necessário também um estudo bibliográfico de documentos e dados estáticos.

Palavras-chave: GÊNERO; PRÁTICAS EDUCATIVAS; PROFESSORES

SUMÁRIO

1. PROBLEMATIZAÇÃO.....	1
2. DELIMITAÇÃO E OBJETO DE PESQUISA.....	5
3. JUSTIFICATIVA.....	6
4. DISCUSSÃO TEÓRICA.....	9
4.1.GÊNERO NA SALA DE AULA.....	9
4.2. PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM PERSPECTIVA MAIS EQUITATIVA...13	
4.3.ENSINO FUNDAMENTAL.....	16
5. METODOLOGIA.....	18
6. REFERÊNCIAS.....	22

● PROBLEMATIZAÇÃO

A princípio me interessei a investigar sobre o quanto o assunto de gênero está presente no cotidiano das salas de aula escolares e tentar entender a importância do seu acréscimo, na prática educacional de professores com seus estudantes. Porém, ao começar a estudá-lo pude me aproximar de várias ideias até chegar ao foco deste trabalho que é, analisar em que medida a construção das práticas educacionais de professores da escola Antônio Correia de Castro, no município de Acarape-CE, auxiliam na transformação do olhar dos/as estudantes sobre gênero em uma perspectiva mais equitativa.

Esse contexto a ser pesquisado é uma escola de porte médio que abrange estudantes do ensino infantil e fundamental, o interesse sobre este local se deu principalmente pelo meu conhecimento do mesmo, de sua realidade e a proximidade que tenho, já que moro no mesmo bairro da instituição e fui aluna da mesma durante onze anos.

As motivações prévias para esta pesquisa são várias, porém, as que mais me marcam é o constante interesse pelo estudo de gênero. Já desde o fim do ensino médio e com o ingresso na UNILAB esse interesse aumentou consideravelmente, pois, na universidade pude articular esta ideia através dos movimentos feministas e desenvolver a problematização da hierarquização entre os gêneros.

Para entender melhor a temática presente é necessário saber distinguir qual noção de gênero está sendo aqui abordada, pois, sabemos que tal palavra obtém diversos significados para vários autores. Assim, ao contrário de algumas perspectivas biológicas que diferem os indivíduos através de características fisiológicas, o centro da investigação tomará gênero através de ideias derivadas das ciências humanas tais como a antropologia e a psicologia, que refletem gênero como um processo histórico, uma construção social.

Segundo Joan Scott (1995) os gêneros dos indivíduos são constituídos em sociedades, com ênfase em torno das características diversas atribuídas socialmente a homens e mulheres, de modo a estabelecer vínculos de poder, ou seja, este marcador se torna um mediador das relações sociais existentes estabelecendo normas e expectativas entre os componentes.

Esta definição se faz presente nas teorias de gênero, se estende como entendimento da pluralidade sexual dos indivíduos e se estrutura a partir da perspectiva de que no princípio os seres surgem sem qualquer atribuição determinista. Como diz Simone

Beauvoir (1980) “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (p.09), isto mostra o processo social que se dá na sociedade e toda a relação de poder produzida desde o nascimento.

No Brasil, essa noção de gênero passou a ser questionada pela formulação do termo “ideologia de gênero”, um termo totalmente controverso/contraditório, associado a uma perspectiva mais cristalizada de gênero, que surge nas disputas políticas eleitorais e ganha força através das expressões midiáticas digitais onde circulam matérias sensacionalistas.

Exemplo disto foi a implementação do material “Escola sem Homofobia” do governo federal em 2011, uma obra que objetivava a diminuição da violência e da discriminação da comunidade LGBT, mas, que ficou erroneamente conhecida como “Kit gay”, pois adeptos deste termo alegavam equivocadamente que o material tinha como objetivo transformar as crianças em homossexuais.

Diante disso, a proposta do material foi vetada e um dos elementos que contribuíram fortemente para o veto foi a bancada religiosa no congresso nacional, que lançou mão de argumentos como o “fim da família tradicional brasileira” e que suas crianças corriam sérios riscos de “doutrinação ideológica”. Isto é algo preocupante pois, vai ao contrário do real objetivo que era tentar diminuir a desigualdade entre gêneros.

Assim, como traz Paula Sampaio (2015), diante destas imposições conservadoras do congresso nacional brasileiro, cabe estudarmos assuntos como este em diversos espaços sociais, para que seja possível a desconstrução das afirmações de uma escola “neutra”, ou indiferente à discriminação, e mostrar que é necessário que as instituições de ensino precisem abordar de forma ampla e consistente estas relações sociais.

É fato que algumas mudanças ocorridas pela forte modernização e a era digital no ambiente social fizeram com que muitos valores e práticas sociais fossem mudadas e que pudéssemos abrir nossos olhos para novos ideais e modos de vida. As informações ficam potencialmente cada vez mais acessíveis aos indivíduos e sua capacidade de absorver todo este conteúdo ganha grandes proporções, conseqüentemente, questionar se tornou mais frequente.

Associando com o que Guizzo e Ripoll (2015) trazem, os/as estudantes que hoje participam das instituições escolares possuem acesso a diversos meios de informações, o que não era presente em tempos atrás. Isto evidencia mais ainda a necessidade de

transformação deste ambiente, como as autoras falam: “Sendo assim, temos alunos do século XXI, dentro de uma instituição pensada para os séculos XVI e XVII” (p.474).

É certo que estas transformações podem atingir de modo negativo as problemáticas sociais presentes nos movimentos de luta das minorias, mas podemos concordar que pode repercutir também de forma positiva ao ampliar as possibilidades de entendimento e de respeito às diversas experiências humanas. Saber averiguar o quanto a escola consegue criar e repassar conceitos e saberes já é algo a contribuir. Desconstruir a cultura patriarcal vigente que ainda atravessa a escola vem a se tornar algo mais perceptível e urgente. Desse modo, atitudes como a criação de práticas educacionais equitativa ajuda significativamente na construção de uma sociedade mais justa.

Nesse sentido, Sampaio (2015) fala que as relações de gênero devem ser abordadas urgentemente, em questões sobre suas reconfigurações, mesmo que as mesmas se apresentem de maneira ainda hierárquicas e assimétricas, a inferiorizar alguns grupos e privilegiar outros, o que a mesma autora fala ser um padrão da sociedade ocidental, tidas como algo a produzir desigualdades.

Com este conceito de hierarquização, é necessário entender que a igualdade é algo insuficiente em quesito de justiça social, as pessoas se desenvolvem de forma diferente. Por isto a utilização do termo equidade que almeja agregar os cidadãos de forma igualitária, mas, atendendo as necessidades que cada indivíduo possui e considerando suas diferenças.

Por esta razão é de suma importância que o/a professor/a saiba educar e contribuir junto a sua turma de modo a observar cada estudante em suas singularidades, pois, cada pessoa tem consigo elementos que a diferem das demais, assim, espera-se que o/a professor/a saiba adaptar sua aula ou sua prática com a abrangência de todos em questão.

A ausência da equidade, por exemplo, nas relações de gênero contribui para o favorecimento de setores mais privilegiado, afinal quase todas as sociedades contemporâneas são feitas a partir de hierarquias. Os mais ricos, de cor mais clara e de sexo masculino ocupam de longe o topo deste conjunto, é necessário, portanto, desconstruir a ênfase que estes marcadores sociais, deixando de ser determinantes na sociedade.

As relações hierárquicas na sociedade podem ser vistas de forma metafórica como uma balança, que tende a pender historicamente para as minorias. Nesse sentido, quando se trata de questões de gênero, o feminino é predominantemente posto em inferioridade, ou seja, estando no lado que pende da balança.

Agindo sobre os lugares mediadores das relações de gênero, teríamos uma potência relevante para o enfrentamento deste problema, em principal a escola, por se tratar de uma instituição onde se faz educação e cada indivíduo é direcionado a ampliar seu intelecto, a cuidar de si e do próximo.

As construções das práticas educacionais serviriam para mostrar o real significado dos estudos de gênero, a se estruturar através do caráter histórico da construção dos mesmos e de movimentos de equidade tais como o feminismo que contribuem para o rompimento do padrão hierárquico de gênero no contexto escolar.

O tratamento justo, mesmo estando tão distante de sua efetividade é defendido por muitas entidades sociais o que não deixa de ser um grande passo. No Brasil é hoje amparado por várias leis, como a própria Constituição Federal de 1988, que no 3º artigo “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil” possui o inciso IV que fala: “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (p.11)

Diante de todo contexto retratado acima, seguindo a proposta da pesquisa, levo em consideração as ideias desenvolvidas para traçar a pergunta: Em que medida a construção das práticas educacionais de professores da escola Antônio Correia de Castro, no município de Acarape-CE, auxiliam na transformação do olhar dos/as estudantes sobre gênero em uma perspectiva mais equitativa, menos hierárquica?

Primeiramente vou identificar as percepções de gênero dos professores, em seguida perceber como elas se fazem presentes em suas práticas, para que seja possível entender os efeitos destas práticas sobre o olhar dos alunos e em que medida estas transformações proporcionam uma mudança na hierarquia que envolve o gênero.

- **OBJETIVO GERAL**

Analisar em que medida a construção das práticas educacionais de professores da escola Antônio Correia de Castro, no município de Acarape-CE, auxiliam na transformação do olhar dos estudantes sobre gênero em uma perspectiva mais equitativa.

- **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- A. Identificar que percepções sobre gênero são abordadas nas práticas dos professores;
- B. Descrever como estas percepções de gênero são apresentadas aos estudantes;
- C. Entender os efeitos dessas práticas de gênero sobre os/as estudantes na visão dos/as professores/as;
- D. Em que medida estas transformações proporcionam uma mudança nas possíveis hierarquias que envolvem gênero;

- **JUSTIFICATIVA**

O presente projeto referente à presença dos conteúdos sobre gênero no ensino fundamental, justificasse através de uma análise da construção das práticas educacionais de professores. A fim de saber como elas colaboram para a transformação das concepções dos/as estudantes referente a gênero em uma perspectiva de futuro onde as relações sociais se desenvolvam de forma mais equitativa.

Este tema se torna necessário por tentar mostrar a importância do tratamento do assunto em sala e os benefícios que trará para além da comunidade escolar, já que a escola prepara crianças e adolescentes a viverem em sociedade como cidadãos. Por isso, não estudar o mesmo acarretará uma série de conflitos como o da perda de identidade, história e valores sociais.

Como aluna de sexo feminino que já passou por boa parte das fases escolares e acadêmicas posso dizer que em minha experiência o tratamento era visivelmente diferenciado, as amigadas e até mesmo nas brincadeiras constituídas na sala de aula, onde muitas vezes era separado grupos para que pudessem estabelecer as “brincadeiras de meninos” como o futebol e “brincadeiras de meninas” como bonecas.

Nesta experiência em sala, nas vezes em que a turma era reunida para brincar de forma coletiva, as brincadeiras se constituíam em danças de roda e também tinha as brincadeiras de “casinha” que eram bem mais frequentes onde se tinha um menino e uma menina que desempenhava o papel de pai, mãe e o restante da turma se atribuíam o papel dos filhos.

É triste perceber o quão normal a organização em tarefas simples como nas brincadeiras se tornavam, até acho errado chamar este último caso de brincadeira, porque no meu ver isto não agregava em nada na vida das crianças a não ser prepará-las para um futuro distante onde poderão vir a constituir uma família sob os moldes de um padrão patriarcal.

Observar estas organizações, faz-me perceber um processo que vem se desenvolvendo a bastante tempo. A prática educativa realizada pelos/as educadores carrega consigo uma herança deixada pelos/as seus professores em sua época de aprendizado.

Isto acontece dentre vários motivos, um deles acredito ser o principal elemento é a cultura que vem se repassando a gerações, sendo capaz de explicar o motivo destas atividades ainda serem aplicadas em sala. Consequentemente estas mesmas atividades que hoje são submetidas aos alunos estão seguindo uma linha de repasse.

Dessa maneira, estudar e explicar assuntos relacionados a estudos de gênero em sala de aula é até hoje uma barreira a ser quebrada. Para isto acontecer é necessário muito esforço, por esta razão é tão importantes projetos como este, que apresentam vantagens da aplicação destes estudos na rotina em sala de aula com os discentes.

Um fator de grande importância para minha pesquisa se dá pela proximidade da escola, por ter familiares trabalhando e estudando lá e de ter estudado e vivenciado sua metodologia, por esta razão, acredito que seja possível vir a realizar esta futura pesquisa com maior exequibilidade, além de poder refletir sobre o que era vivenciado em meu tempo de estudo e o que é repassado hoje aos atuais alunos.

Outro fator que se torna extremamente necessário ressaltar é que questão de gênero vem se tornando um assunto delicado na sociedade, é claro a discriminação é existente, principalmente por parte das instituições políticas. Como, por exemplo o caso de abril de 2017 que está disponível no site do EBC Agência Brasil, quando o MEC Ministério da Educação se manifestou para a retirada dos termos “gênero” e “orientação sexual” da BNCC Base Comum Curricular, e acabou se tornando uma medida conflituosa, acarretando mais ainda discussões em torno da problemática da chamada “ideologia de gênero.”

Isto mexeu diretamente com outras medidas que defendem em partes a inclusão do assunto na sala de aula, como, por exemplo a Lei n. 9394/1996 das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (2005) no parágrafo 3 tem no inciso IV fala: “respeito à liberdade e apreço à tolerância;” (p.07). Este trecho por sua vez reforça o espaço escolar como um local influenciador e de aprendizado deve como obrigação, saber respeitar e tratar o outro, isto deriva de práticas educacionais que ensinam e conscientizam não apenas professores e estudantes, mas, todos os componentes da instituição.

Como diz Bianca Guizzo e Daniela Ripoll (2015), com estas implementações a instituição escolar se tornou um ambiente para se trabalhar estas temáticas, isto considerando um avanço, já que tempos atrás não eram trabalhadas em seus currículos.

Afinal, os índices de desigualdade chegam a grandes proporções como é mostrado na pesquisa da Fundação Getúlio Vargas FGV, disponível no site Veja onde é retratado que a desigualdade social aumentou pelo 17º trimestre seguido. Se voltássemos nosso olhar para a realidade nacional poderemos concordar que esta desigualdade faz ligação com a educação das gerações passadas onde as problemáticas que rodeiam a sociedade eram pouco tratadas em sala de aula. Referente a isto, mudar o entendimento desta mesma geração já crescida aos

moldes patriarcais é algo dificultoso, podendo acarretar uma série de conflitos sociais, o que está fora dos ideais de qualquer sociedade civilizada, por isto é importante que a implementação seja feita na base inicial estudantil.

É certo falar que ainda temos muito a evoluir neste quesito, afinal nossa sociedade já cresceu em vários aspectos, não só em questão geográfica de territórios, mas como de concepções e ideologias. Mudanças que, por exemplo, fazem com que possamos intervir e opinar nas relações estabelecidas no ambiente escolar e que há tempos atrás a sociedade não poderia nem pensar em tratar assuntos como este. Isto não pode nunca ser esquecido ou ocultado, pelo contrário, devemos sempre entrar em questão para que não venha a acontecer novamente.

O ensino fundamental talvez venha a ser um lugar ideal para discutir estas questões, um fator importante presente no Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2019 que reforça e contribuir para isto é o crescimento da taxa líquida de matrículas que de 2012 a 2018 que foi de 96,7% a 98%, todo este dado reforça a responsabilidade e afirmações que a mesma carrega.

Sobre esta perspectiva é interessante que a escola consiga manejar de uma forma conscientizada certo poder, sendo possível através de novas práticas educacionais. Os estudos de gênero são elaborados para colaborar com esta mudança e que por ventura resultará em uma compreensão sobre a problemática e possivelmente responderá como as relações de poder se constituem em sociedade.

Compreender processos históricos como, por exemplo o movimento feminista que contribuiu para o surgimento de vários movimentos sociais de luta pela igualdade entre homens e mulheres, ocorridas na sociedade brasileira de forma mais acelerada a partir de 1970. Resultará na desmistificação destes processos e preparará o indivíduo de forma conscientizada a fim de construir uma nova sociedade democrática a todos.

Como diz Guacira Louro (2003) o ambiente escolar se apresenta como um elemento que pode formular e dar continuidade as desigualdades estabelecidas no convívio social, mas indo além da ideia da autora, a escola pode usufruir desta capacidade para intervir e começar a educar sobre um olhar menos hierárquico, com o propósito de promover a tolerância e estimular para que novos questionamentos venham a entrar em questionamentos, assim, ao logo do tempo a escola se tornará cada vez mais difusora de uma equidade social.

• DISCUSSÃO TEÓRICA

01. GÊNERO NA SALA DE AULA

É certo dizer que gênero vem adquirindo muitos significados ao longo dos anos, sendo o mesmo capaz de separar diversos elementos, porém, quando falado comumente se atribui ao fator biológico os atributos do feminino e masculino, com a diferenciação a partir das genitálias. Porém, gênero nada mais é do que uma construção social estabelecadora de regras, normas e padrões de comportamento. Assim como diz Berenice Bento (2008):

O gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São esses sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo. Essas infundáveis repetições funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento para sua existência a crença de que são determinados pela natureza. (p.553)

Esta agregação social pode ser caracterizada como papéis, que são formulados ao decorrer do tempo e impostos pela sociedade aos seus cidadãos. Guacira Louro (2003) traz esta perspectiva:

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar...através do aprendizado de papéis, cada um/A deveria conhecer o que é considerado adequado (É inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. (p.07- 08)

Este papel que o indivíduo carrega é responsável por engajarem as pessoas em convívio social, os ambientes públicos são repletos deles. A instituição escolar como constituinte destes espaços se caracteriza como um pilar de suma importância no aprendizado do sujeito e em construção social e é isto que Luciene Guiraud (2008) reflete logo nas primeiras páginas de seu artigo:

Assim, o universo escolar é marcado por conflitos, num ambiente que, por um lado reproduz os valores hegemônicos da sociedade, e que por outro, pelos impasses enfrentados em sala de aula, também participa da transformação desses valores, pois é um lugar fundamental na construção de sujeitos (p.02)

O termo rodeia várias perspectivas, principalmente pela pluralidade de atribuições que os sujeitos adquirem ao logo de sua existência. Assim como diz Guacira (2003) o gênero possui uma infinidade de atuação, isto evidencia que os espaços sociais possuem a constante presença de gênero, se tornando espaços sociais “generificados” termo usado em sua obra.

Desta maneira é possível afirmar que como parte destes espaços sociais, a escola é um local onde também é rodeado pelos gêneros. Diante disto não se pode deixar de questionar

a responsabilidade da mesma em estruturar relações interpessoais em seus componentes no meio das diferenças.

Sabendo disso é necessário também entender que a sociedade muda a cada dia, e com isto vários elementos mudam juntamente. É importante ressaltar que o ambiente escolar pode vir a ser o lugar mais adaptado a abranger e educar sobre estas mudanças. Deste modo a escola deve intervir com seu considerado poder exercido em sua estrutura com novas práticas de educação, que consigam abranger temas derivados dos estudos de gênero, pela visível contribuição que os mesmos desempenham no desenvolvimento do indivíduo. Isto é defendido por Marcias (2010) onde ela fala:

Consideram que este conhecimento possui relevância mais do que significativa diante do processo de desenvolvimento a partir do ensino aprendizagem efetivo, as relações entre a mudança e o processo de ensino aprendizagem devem contribuir para a reflexão sobre outras formas de organização social e como a escola deve agir no mundo atual para produzir mudanças de paradigmas através da produção de conhecimentos que nos leve a uma vida digna sem desigualdades sociais (p.14)

Estas organizações se fazem presentes em seu modo mais efetivo no meio social, e a escola é um integrante ativo e predominante deste meio. Guacira Louro (2003) afirma que “Preende-se, desta forma, recolocar o debate no campo social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos” (p.22), ou seja como um meio social desigual a escola tem como responsabilidade abordar este debate, para que seja possível a desconstrução de padrões hegemônicos.

Durante muito tempo a intuição escolar sofreu pela total falta de autonomia, atualmente este cenário mudou parcialmente. Apesar de ainda existir uma gama de regras que rodeiam este ambiente, um grande passo dado foi o poder de questionar e levantar sugestões para o crescimento da mesma através de pesquisas, por exemplo. Deste modo se deve tomar os estudos de gênero como de extrema importância a ser trabalhado o mais rápido possível. Daniela (2010) fala:

Justifica-se assim a importância do tratamento de questões relacionadas as relações de gênero e diversidade sexual durante o processo de ensino aprendizagem, pois a escola não pode mais simplesmente encaminhar ou marcar horário para tratar destas questões, cabe a ela se aprofundar em conhecimentos científicos historicamente construídos e através de discussões e reflexões oportunizar a mudança de atitudes a todos/as os/as sujeitos envolvidos na educação (p.16)

Diante desta emergência de tratamento escolar e de todos os dados dos estudos de gênero é que se evidencia o grande valor que se é obtido ao abordar tais temáticas em sala de aula e conseqüentemente a perda histórica quando não se é tratado.

A formação de cidadãos depende de um olhar histórico para as diferenças e marcadores sociais, de lutas e conquistas, como a crescente visibilidade feminina adquirida através de muita luta e manifestações dos movimentos feministas, que contribuiu para que as mulheres pudessem ter os direitos que hoje são exercidos, a autora Daniela Nogueira (2010) completa:

O papel da mulher vem mudando no decorrer dos tempos em vários campos, principalmente no mercado de trabalho, na educação e na política. A educação compete deixar claro que tanto homens quanto mulheres têm os mesmos direitos e deveres, sempre deixando o preconceito e a discriminação de lado ao realizar a abordagem (p.17)

Assim, é interessante e de imenso valor que os educadores consigam elaborar uma metodologia que possa dar continuidade a esta visibilidade. Assim como Daniela (2010) fala isto é um fator de extrema importância, porém, um grande desafio para o educador que teria que conciliar em cima de seu tempo uma maneira de tratar o tema. Deste modo é necessário que haja sempre persistência e reconhecimento destes profissionais.

A escola é um elemento essencial para a sociedade assim como vice-e-versa, diante desta afirmação é considerável dizer que ambos ambientes possuem certo tipo de poder um ao outro, isto é notável como dito anteriormente na necessidade de os cidadãos questionarem as práticas escolares e muitos fatores que se demonstram na escola tem sua origem nas relações feitas em sociedade, por isto Berenice Bento (2011) pensa que:

Para se compreenderem os motivos que fazem da escola um espaço destinado, fundamentalmente, a reproduzir os valores hegemônicos, é necessário sair desse espaço, ampliar nosso olhar para a própria forma como a sociedade produz as verdades sobre o que deve ser reproduzido, quais os comportamentos de gênero sancionados e por que outros são silenciados e invisibilizados, qual a sexualidade construída como “normal” e como gênero e sexualidade se articulam na reprodução social (p.555-556)

Partindo da fala da autora pode se perceber novamente a influência da sociedade na estrutura escolar, é nela que nasce e se desenvolve os sujeitos que vão se fazer presente neste espaço. Por isto a importância de também estudar a sociedade, para uma melhor compreensão dos sujeitos que compõe ou futuramente vão compor a escola.

A atribuição dos estudos de gênero na perspectiva escolar colabora para a construção de um novo cenário, onde a desigualdade é distante da realidade. Deste modo o ambiente escolar se torna um dos lugares a estimular a desconstrução dos arranjos hierárquicos da sociedade, já que se caracteriza como um lugar múltiplo de singularidades. Como diz Guacira (2003):

As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua

constituição social) mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (p.06)

A partir deste olhar o/a educador/a deverá se empenhar a ampliar seu olhar a respeito dos estudos de gênero e através disto revisar como eles estão presentes em sua metodologia. Práticas pedagógicas ricas em fatos que proporcionam um novo olhar para as estruturas sociais, contribuem de forma significativa na desconstrução da estrutura hierárquica que rodeiam a sociedade.

02. PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM PERSPECTIVAS MAIS EQUITATIVAS

A escola é um local histórico que já sofreu muito com as mudanças da sociedade, uma delas acreditava em sua homogeneidade. Todos que compunham o ambiente escolar devia seguir os mesmos padrões, para que a aprendizagem fosse melhor desenvolvida. Assim com Fernando Seffner (2013) diz:

Historicamente, a escola foi marcada por princípios de homogeneidade, e muitos acreditam que só se pode ensinar de modo produtivo em classes homogêneas, onde as crianças têm a mesma idade, compartilham dos mesmos referenciais culturais, têm a mesma religião, são todas heterossexuais, são da mesma classe social, vêm de famílias igualmente “estruturadas” e, por conta disso, aprenderiam todas “na mesma velocidade” e “do mesmo jeito” (p.148)

Atualmente percebe que está visão é inadequada, crianças e adolescentes aprendem muito mais com um ambiente misto do que um que todos são configurados iguais. A escola não necessariamente ensina as matérias básicas dos currículos, mas de modo subjetivo ensina através da vivência a diversidade e o convívio social, preparando os indivíduos a viverem em sociedade que por sua vez é rica em diversidade.

O espaço escolar é caracterizado como um articulador de modos e relações, isto se desenvolve a partir das múltiplas normas que rodeiam este espaço, estipulando tempos e tarefas a ser agregados aos indivíduos. Este contexto contribui para o fortalecimento da hierarquização como traz Guiraud (2011):

Nesse quadro situa-se a escola, cujo ambiente se caracteriza por uma correlação de forças inseridas em determinado contexto que favorece a hierarquização e sujeição nas relações da instituição, disciplinar em sua essência. A escola, assim, define espaços, subdivide e recompõe atividades, capitaliza o tempo e as energias dos indivíduos pela disciplina, de maneira que sejam susceptíveis de utilização e controle, articula os indivíduos que se movimentam e se articulam com os outros, ajusta a série cronológica de uns ao tempo dos outros, de modo a aproveitar combinar ao máximo as forças individuais (p.06)

Esta desigualdade e hierarquização produzida está diretamente ligada as práticas dos professores, as mesmas atingem a estrutura escolar e se estende por grande parte na educação de seus alunos, por isto a necessidade de reformulação de sua aplicação e conteúdo.

Estas práticas educativas servem como um estabelecedor da metodologia usada pelos educadores. A questão aqui a ser trabalhada é como esta prática se desenvolvem no cotidiano atual, em mente de que a escola ainda é um lugar atrasado em termos de assuntos recorrentes na sociedade. Deste modo é necessário um olhar amplo para todas as configurações que rodeiam estas atividades, para uma compreensão e atuação significativa. Luciene (2011) diz:

A prática educativa é permeada por múltiplas interpretações. Ao observá-la sob diferentes pontos de vista e fazer análises sob diversos enfoques, permitimos

teorizá-la, precisando seus possíveis sentidos, no que diz respeito à percepção, orientação e valor. Assim, a explicitação de outros modos de se entender esta prática nos possibilita avaliá-la diferentemente e assumir opções, propiciando estabelecer relações mais consistentes com as pessoas e com o mundo a nossa volta (p.03)

Se percebe então a imensidão que este termo possui, possibilitando diversas interpretações que permeia uma melhor compreensão deste conceito. Assim, é possível dizer que as práticas educacionais dos professores carregam uma grande responsabilidade de educar e desenvolver percepções em seus alunos.

Não desenvolver uma prática equitativa se torna um grande atraso para a escola. E acima disto é necessário um bom remanejamento destas práticas educativas, pois, se torna ainda pior quando não tratado corretamente. Assim como Berenice (2011) diz “as formas idealizadas de gêneros geram hierarquia e exclusão” (p.553).

Para a formulação de uma prática equitativa o/a educador/a pode partir de várias maneiras seja em sala de aula com conteúdo didático, com conversas, atitudes e também fora da sala na hora do recreio com brincadeiras coletivas. O importante nestas situações é situar todos os alunos de modo a despertar um novo olhar para estas relações, pois, diante de um patriarcado estabelecido será necessária a desconstrução imediata do mesmo assim como diz na obra de Marcia Almeida, Lusía Lameira, Maria Medeiros e Silvana Nascimento:

Dessa maneira, entendemos que discutir a sexualidade na escola não é uma escolha neutra. É, sim, fundamentada numa postura pedagógica que compreende uma determinada visão de mundo, transmitindo padrões de sociabilidade, regras e valores morais e éticos (p.04)

Assim podemos concordar que isto já não é mais uma escolha que os membros da escola apontam ou não a abordagem de diferenças que rodeiam o gênero, é na verdade algo essencial para o desenvolvimento intenso e correto dos alunos que compõe a estrutura.

É de suma importância que educadores conversem constantemente com suas alunas a respeito da importância da educação das mesmas, incentivando o processo educacional como algo relevante. É notável a desistência escolar de meninas para constituir famílias, isto está comprovado nos dados da pesquisa da fundação Abrinq onde mostra que na região nordeste o número de meninas que se casarão antes dos 19 anos atinge cerca de 30.077.

Quando o/a educador/a aborda assuntos como estes, de certa forma incentiva as meninas a persistirem e se encaixarem no número crescente e muito importante de mulheres intelectuais que são capazes de mudar a realidade e transformar os números desta hierarquia presente atualmente.

Estas atitudes seriam um grande passo para a transformação das práticas dos/as professores/as, que por sua vez ganharia o título de agente transformador. Isto fica visível na obra das pesquisadoras Marcia Almeida, Lusía Lameira, Maria Medeiros e Silvana Nascimento, onde retratam que o educador não pode se prender apenas os conteúdos dos currículos:

Assim, é necessário despertar nos alunos e nas alunas outras habilidades. Sendo assim, o/a professor/a não pode se ater ou se preocupar em passar só os “conteúdos”. É imprescindível e inadiável valorizar outras capacidades e habilidades que contribuirão para a formação do cidadão pleno, que reconhece seus direitos e possui ferramentas de conquista do seu lugar na sociedade (p.03)

A carreira docente está repleta também de reflexões, a cada dia o/a educador/a está exposto a novas experiências que surgem a partir da vivência de seus estudantes, seja elas em sala ou fora dela. Isto implica de forma significativa em sua metodologia e vai de certa forma agregando mais conteúdos e forma de pensar.

Certamente quando o/a professor/a utiliza de novas práticas educativas ele deverá reconhecer como seus alunos interagem com as mesmas, já que isto se torna um fator principal para o melhor aproveitamento da aula e compreensão dos alunos, isto remete a importância da reflexão na vida docente do educador. Como diz Seffner (2013):

A experiência vem da reflexão sobre os acontecimentos dessa trajetória. Parte desses acontecimentos constitui-se de cenas que o professor assiste no ambiente escolar e que podem ser boas para refletir sobre determinadas questões, bem como para estabelecer uma compreensão sobre sua prática (p.150-151)

Esta necessidade de reflexão reflete muito sobre a capacidade de educar, pois, é aí que ele reconhece a importância do que ele está transmitindo aos seus alunos. Quando isto não acontece gera um grande problema, pois, o professor leva esta rotina como algo monótono sem agregações e isto não resultará em um bom desempenho de seus alunos. Fernando Seffner (2013) fala também:

Se o professor não se sentir como produtor de conhecimentos, jamais será capaz de gerar uma boa experiência docente (assim como o professor que não tem gosto pela leitura jamais conseguirá contribuir de modo efetivo para que seus alunos leiam) (p.151)

A partir desta importância e visando a melhor compreensão das práticas educacionais de gênero, um dos ambientes ideais para a atuação desta nova metodologia equitativa é o ensino fundamental ganhando ênfase por se apresentar como uma das principais fases da educação básica podendo contribuir positivamente para abranger estas novas configurações de ensino.

03. ENSINO FUNDAMENTAL

O ensino fundamental é uma das etapas principais da educação, assim como seu próprio nome diz, neste período, as crianças começam a criar vínculos com a leitura, cálculos e o raciocínio lógico começa a ser desenvolvido. Acredita-se que, quando o/a aluno/a tende a se familiarizar com estes assuntos, sua capacidade para entender outros aspectos ao seu redor começa a ser melhor desenvolvida.

O artigo 32 da lei de diretrizes e bases da educação nacional “O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: ”tem em seu inciso III “o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores” (p.17). Isto mostra a importância deste período na vida estudantil, além suas competências.

A educação se configura como um mediador das ações sociais, atravessando diversos cenários na sociedade. É evidente a necessidade de o indivíduo possuir educação para se manter presente desde o espaço de trabalho até mesmos nos discursos sociais percorridos. Idneuma da Rocha fala:

Assim, seja pela lógica da qualificação do capital humano, necessário a produtividade econômica, seja pela via do saber como redentor das massas oprimidas, necessário à sua libertação, a escolarização se configura como uma ferramenta potente. No último caso, em especial, é condição essencial para a transformação social e para a garantia de uma realidade humanamente mais justa e digna para todos (p.02)

Segundo o anuário brasileiro de educação básica de 2019 o índice de desenvolvimento da educação básica no Ceará mostrou um grande avanço, principalmente se tratando de ensino fundamental. Em 2005 os anos iniciais do ensino fundamental marcavam 3,2 já os anos finais marcavam 3,1. Porém, este número cresceu consideravelmente e em 2017 os anos iniciais do ensino fundamental chegou a 6,2, já na fase final chegou a marcar 5,1. (p.68). Estes dados implicam consideravelmente na constante necessidade de se retrabalhar tal ensino para que estes números consigam atingir níveis mais altos. Diante destes números a educação do estado do Ceará ganha cada vez mais visibilidade em contexto nacional. A pesquisa de março de 2019 do Instituto Unibanco comprova e exhibe a importância destes números.

Nos últimos dez anos, o Ceará foi reconhecido principalmente pelos avanços nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Nesses dois níveis, foi o Estado que

mais cresceu no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) desde que passou a ser calculado em 2005 (p.1)

Segundo a pesquisa com fonte nos micros dados da Prova Brasil/INEP de 2017, disponível no site QEdu, fala que dos alunos presentes nas instituições educacionais de ensino fundamental cearense, mais precisamente no quinto ano, se caracterizam como 52% de sexo masculino e 48% de sexo feminino. Em Acarape o número de meninas e meninos atingem uma porcentagem igual de 50%.

Em contexto nacional o ensino fundamental brasileiro possui um grande desafio que é a taxa de evasão, os motivos que acometem são vários. Como dito nos dados anteriores, as evasões de meninas, deriva principalmente da gravidez ou casamentos precoces. Já o de meninos decorre de grande parte de ocupações ilegais, fator diretamente ligado com a violência social, como está embasado o artigo de Vitor Monteiro e Alano Arruda (2011).

O estudo da violência urbana será sobre o índice de evasão escolar, pois acredita-se que a violência iniba muitos alunos a frequentarem a escola, isso sem dúvida vem a ser um grave problema social, e a evidência empírica dessa relação entre violência e evasão escolar (p.02)

Ainda de acordo com os dados do site QEdu, O município de Acarape possui um total de 11 escolas de ensino básico. Maioria delas possuem uma infraestrutura básica que atende as principais necessidades da comunidade escolar. Porém, ainda possui pontos a serem melhorados como: bibliotecas presentes em apenas três escolas e laboratórios que tem um número total de zero. Visando estes dados é possível considerar que o cenário do ensino fundamental cearense é apto para a inclusão dos estudos de gênero, contribuindo para aumentar ainda mais estes números.

Por fim, como dito, é necessário a desconstrução de toda prática educativa que rodeia a perpetuação de desigualdades sociais, mas para isto acontecer é preciso que o corpo docente se estabilize sobre práticas educativas que colaborem para a produção de sujeitos a constituírem uma sociedade mais equitativa. Assim como diz Cláudia Vianna e Sandra Ridenti (1998):

A análise da escola como espaço de práticas e de relações de gênero que podem produzir estereótipos e preconceitos, mas também resistências, novos valores e atitudes, talvez nos ajude a estabelecer um distanciamento crítico que permita enxergar para além das visões dominantes sobre as relações entre homens e mulheres e sobre significados masculinos e femininos presentes em nossa sociedade (p.103)

- **METODOLOGIA**

O presente material tem como propósito analisar em que medida a construção das práticas educacionais de professores da Escola Antonio Correia de Castro, auxiliam na transformação do olhar de estudantes sobre gênero em uma perspectiva mais equitativa. De modo a entender como estas relações ocorrem e estabelecer uma proximidade com o tema que mais à frente poderá ser melhor abordado em outros tipos de trabalhos, além de melhorar minha percepção desta problemática.

A escola Antonio Correia de Castro é uma escola de ensino infantil e fundamental que abrange séries do primário ao nono ano, com porte médio. A mesma se situa na zona rural da cidade de Acarape em um bairro chamado Carro Atolado se apresenta como única escola do lugar, porém, em constante desenvolvimento.

Segundo os dados do ano de 2019, colhidos em um levantamento preliminar, a escola possui matriculados aproximadamente 279 alunos sendo 116 meninas e 163 meninos. Seus funcionários são totalizados a cerca de 25 funcionários no total 17 professores sendo 4 homens e 13 mulheres, o restante conta com 5 cozinheiras/zeladoras, 2 porteiros e 1 vigia.

É possível através deste levantamento ter uma noção do ambiente a ser trabalhado, de suas necessidades e de certos números apresentados de formas diferentes, tais como a comparação de funcionários homens e mulheres onde há uma presença significativa de professoras e funcionárias do sexo feminino, este fator pode influenciar sem dúvidas os paradigmas do desenvolvimento da pesquisa de campo.

Para dar início a este processo é importante para qualquer pesquisa selecionar os métodos a serem trabalhados. Buscando analisar melhor a proposta deste trabalho e visando também resultados que possam ser significativos para minha pesquisa e para a sociedade. O trabalho irá se estruturar em uma abordagem qualitativa, isto por abranger um foco maior nas dinâmicas em grupo estas que sua vez se fazem presentes dentro da escola.

A pesquisa qualitativa é conhecida por manter seu foco nos sentidos produzidos pelos sujeitos, com forte presença nas ciências humanas e sociais, pela subjetividade envolvida nos fenômenos humanos. Isto implica em uma certa liberdade que o/a pesquisador/a qualitativo possui, que servirá para uma melhor compreensão e adaptação com o objeto a ser pesquisado, pois como aponta Goldenberg (2004)

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. (p.53)

A pesquisa qualitativa costuma ser mais precisa em relação ao objeto estudado, e a forma de investigação vai em sua maioria de modo interno da instituição/espço mantendo a aproximação com o caso estudado. Mantendo o foco na sociedade como diz Fonseca (2002): “A pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos da realidade que não podem se quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (p.20)

Ainda no pensamento de Fonseca (2002), o mesmo fala do empirismo e da subjetividade presente nos dados qualitativos, além da aproximação desenvolvida pelo/a pesquisador/a. Isto é um fator que se torna importante neste trabalho, pelo meu conhecimento acerca da instituição escolar e grande parte do núcleo gestor e de professores, que se deu a partir de minha experiência educacional com a mesma.

Por me considerar uma futura pesquisadora social é necessário ressaltar que será natural a aproximação com o tema e com os sujeitos a serem estudados. Isto resultará em uma melhor visão das relações para que os resultados sejam facilmente obtidos. A aproximação é comum como diz Mirian Goldenberg, onde ressalta uma das principais características destes pesquisadores que é “compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado” (p.19)

A pesquisa também tem caráter bibliográfico, onde busco através de outros autores me familiarizar com o tema e identificar como ocorre em ambiente acadêmico, com a obtenção deste método consigo organizar ideias e concretizar o que de fato acredito. Assim como Fonseca diz: “Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto” (p.31).

O estudo bibliográfico será responsável, por apresentar outras opiniões de outros pesquisadores, sobre diferentes tipos de obras, desde livros, artigos á arquivos áudios visuais. A partir destes olhares a compreensão do assunto se apresentará de forma mais dinâmica o que ajudará a revelar a relevância para a utilização de práticas em sala de aula.

A princípio a locomoção até a escola será bem acessível pela distância de minha casa até a instituição, sairei disposta a visitar a escola, pedir a autorização para desenvolver a

pesquisa em sua instituição e apresentar a proposta deste material. Após me concederem a permissão para a pesquisa e possuindo a certeza que os indivíduos entenderam a proposta sigo para a divisão das atividades. As visitas se dividirão em dois momentos com os professores, o primeiro com uma pesquisa semiestruturada e o segundo com uma roda de conversa.

Para a seleção de professores que colaboraram para os resultados da pesquisa procurarei seguir alguns critérios, como o tempo de docência onde estipularei um período mínimo de dois anos de experiência em sala de aula e manter uma representatividade dos diversos perfis de docentes presentes na instituição.

Espero identificar quais percepções sobre gênero são abordadas nas práticas de professores/as e descrever como estas percepções de gênero são apresentadas nas práticas educacionais com seus estudantes através de uma entrevista semiestruturada com no máximo sete professores/as, constituindo perguntas como: sua história de formação; conhecimento sobre relações e estudos de gênero; como ela acontece explicitamente ou não na sala que eles frequentam; se acham necessário um novo olhar voltado para esta questão; como lidam com situações que envolvem essa temática; e no caso de interação com o tema como os alunos e alunas reagem diante disto.

Desenvolverei também uma roda de conversa que terá um total de dez integrantes que estará voltada para observar e para entender os efeitos dessas práticas de gênero sobre os/as estudantes na visão de professores/as e em que medidas estas transformações proporcionam uma mudança equitativa nas possíveis hierarquias que envolvem gênero.

Através de uma conversa aberta, onde os docentes porventura trarão experiências e suas contribuições. As cenas e falas que irei observar se tornaram responsáveis por atribuir ainda mais a minha pesquisa assim como diz Seffner (2013): “As cenas são os dados que alimentam as pesquisas e, para tanto, necessitam ser convenientemente anotadas, discutidas, analisadas e colocadas em conexão com leituras e discussões acadêmicas” (p.151)

Ao fim das visitas e levantamento de dados, recolherei os mesmos e tentarei entender como as respostas se darão. Após organizarei todos em um relatório de campo e relacionarei também com as ideias de outros autores. Também me colocarei para auto-observação, onde tentarei lembrar das minhas expectativas e como achava que seria a experiência antes das visitas acontecerem e conseqüentemente como se deram, se as expectativas foram iguais, superadas ou partiram para um caminho diferente.

Com todos os levantamentos e conclusões obtidas, espero retornar à escola para expor ao núcleo gestor e professores participantes os dados obtidos. A partir disto pretendo juntamente com a comunidade escolar desenvolver atividades e oficinas com os estudantes do ensino fundamental que envolva os estudos de gênero e a equidade social.

Acredito que para desempenhar uma pesquisa como esta precisa ter responsabilidade, afinal os dados obtidos serão possivelmente utilizados por outros pesquisadores e com isso reconhecimento e tentarei desempenhar com o máximo de empenho possível.

O principal desafio que me traz este trabalho é por ser a minha primeira pesquisa, e conseqüentemente a insegurança ainda é algo que rodeia as minhas perspectivas. Mas tenho certeza que todo este esforço servirá para relembrar a grande vontade que tenho de observar e intervir em processos sociais.

- **REFERÊNCIAS TEÓRICAS**

ALMEIDA, M. B.; LAMEIRA, L.; MEDEIROS, M. A. F.; NASCIMENTO, S. N. **A construção do gênero no espaço escolar: Um olhar sobre as práticas pedagógicas em uma escola da rede municipal de campina grande (PB)**. Paraíba: Editora realize

Anuário Brasileiro Da Educação Básica 2019. Todos Pela Educação: Editora Moderna. 2019

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980

BENTO, B. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, Aug. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200016&lng=en&nrm=iso>. Access on 03 Feb. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20/12/1996. **Lei de diretrizes e bases da Educação (LDB)**. Brasília, 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

Cenário Da Infância E Adolescência No Brasil 2019. São Paulo: Fundação ABRINQ. 6 Edição. 2019.

Desigualdade social no Brasil aumenta pelo 17º trimestre seguido, diz FGV. Veja, 16 de agosto de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/desigualdade-social-no-pais-aumenta-pelo-17-trimestre-seguido-diz-fgv/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020 às 14:15

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, Apostila. 2002.

Fundação Lemann e Meritt (2012): portal QEdu.org.br. Disponíveis em: <https://www.qedu.org.br/estado/106-ceara/pessoas/aluno5ano> e https://www.qedu.org.br/cidade/4836acarape/censoescolar?year=2018&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=. Acessado em: 30 de janeiro de 2020

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar, como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª Edição, Editora Record Rio de Janeiro. São Paulo, 2004.

GUIRAUD, L. **As relações de poder na organização escolar: um estudo sobre a construção da subjetividade**. In: PARANÁ; Secretaria de Estado da Educação; Superintendência de Educação. (Org.). O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2008. Curitiba: SEED/PR, 2011, v. 1.

GUIZZO, B. S.; RIPOLL, D. **Gênero e Sexualidade na educação básica e na formação de professores: Limites e possibilidades**. HOLOS, v.6, p 472-483, nov- 2015

LOURO, G. L. L. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003 V.6

MODELO NO FUNDAMENTAL, CEARÁ AVANÇA TAMBÉM NO ENSINO MÉDIO. Instituto Unibanco Aprendizado em foco nº48 março de 2019. Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/48/> Acesso em: 30 de janeiro de 2020 às 15:00

MONTEIRO, V. B.; ARRUDA, E. F. **O impacto da violência urbana nos indicadores de evasão escolar na Região Metropolitana de Fortaleza.** Anais do I Circuito de Debates acadêmicos, 2011.

NOGUEIRA, D. M. **Gênero e sexualidade na educação.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina. 24 e 25 de julho de 2010.

ROCHA, I. **O ensino fundamental no Brasil – uma análise da efetivação do direito à educação obrigatória.** Alagoas: Universidade Federal de Alagoas – Brasil

SAMPAIO, P. F. **Oficinas de Gênero e Cidadania na Escola.** Revista Mneme. Caicó, v.16, n.36, p54-76, jan. -2015

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, n 2. 1995, p. 71-99

SFFNER, F. **Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar.** Educ.Pesqui. São Paulo, jan/mar.2013. p145-159

TOKARNIA, M. **MEC retira termo “orientação sexual” da versão final da Base Curricular.** Agência Brasil, Brasília, 07 de abril de 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-04/mec-retira-termo-orientacao-sexual-da-versao-final-da-base-curricular>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020 às 14:00

VIANNA, C.; RIDENTI, S. **Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito.** São Paulo: Summus editorial, 1998.